



APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

TRADUÇÃO LITERÁRIA: REFLEXÕES TEÓRICAS, PRÁTICAS E ANALÍTICAS INSURGENTES

A proposta do presente dossiê surgiu como um convite a (re)pensar não apenas o lugar da tradução literária e a sua possibilidade, mas a própria concepção do que é ou pode ser a literatura. Entendemos que o conjunto dos artigos aqui reunidos consegue evidenciar de maneira crítica a potencialidade da discussão que, apesar de não ser nova, é ainda um lugar instável.

A partir dessa provocação inicial, o desafio de (re)criar, analisar e aprofundar tais particularidades esteve presente de muitos modos em cada uma das contribuições que conformam este compêndio, que vão desde a abordagem do poético, a partir de diferentes vieses, até o destaque ao papel das/os tradutores e o seu lugar de autoria, passando pela importância das línguas para e a partir das quais se traduz, e a tradução como forma de posicionamento e ativismo político.

Recebemos uma série de trabalhos que vão ao encontro de nossa própria concepção mais ampla de literatura, que não desconsidera os textos canonicamente literários, mas que não ignora que qualquer texto, ao ser estudado, analisado, comparado e traduzido, pode e deveria receber o olhar detido que costuma ser dispensado aos propriamente literários, entre outras coisas porque aspectos como o estilo e a autoria se veem refletidos nas escolhas, temáticas, lexicais, estruturais, formais que, embora nem sempre conscientes, constituem a forma como o texto se expressa e os sentidos que desperta.

Em “A Tradução Literária de Versos de Textos Kotiria e a Tradução Sincrética de Caráter Poético do Mito M1 Bororo”, temos um belo exemplo de abertura do literário a textos de cosmologias não-hegemônicas. O estudo traz à tona a discussão sobre a literatura indígena situada e sua poeticidade, bem como o papel da tradução na divulgação de saberes outros, o que é feito dentro de uma plataforma específica.

De maneira análoga ao artigo anterior, em “O povo na língua: território e cosmologia em uma poética do traduzir Ayvu Rapyta”, se discute a partir de uma escrita bastante ensaística a tradução de textos míticos, e a importância da relação entre tradução e narrativas cosmológicas.

Em “Simbiose: Tradução Recíproca e Duplicidade da Autoria em Sertão e Ser-



Língua”, vislumbramos outro aspecto fundamental da tradução: a visão do/a tradutor/a enquanto autor/a. Além dessa importante discussão, apresentam-se no artigo ainda aspectos da complexidade do ato tradutório, por meio do diálogo entre autor e tradutor e seus efeitos sobre o resultado da tradução.

O artigo “Jhumpa Lahiri e sua tradução de *Lacci* de Domenico Starnone” vai na mesma direção ao debater o lugar de quem traduz, e voltar-se para a forma como a também escritora Lahiri entende a tradução, por um lado, e seu próprio papel enquanto tradutora, por outro.

Analogamente, em “O gesto da escritura e da tradução em *Il naso d'argento*”, temos um interessante exemplo da discussão em torno à autoria do tradutor, com base no estudo do gênero fábula, a partir de um diálogo crítico sustentado em importantes pensadores, Calvino e Campos, que são também tradutores.

Em “Dísticos Heroicos e ‘Poemas Científicos’: questões de forma e conteúdo na tradução literária”, encontramos um trabalho com a tradução do texto poético que discute não só os desafios da própria tradução de poesia, mas que apresenta como novidade a análise de um aspecto pouco convencional: a presença do científico no gênero.

Em “Adaptação e o Infilável: Dilemas da Tradução e da Escrita”, vê-se a compreensão de tradução em um sentido mais laxo, não como se costuma encontrar em termos tradutológicos, mas nem por isso menos oportuno para o presente dossiê, justamente por debruçar-se sobre a (im)possibilidade da tradução entre o cinema e a literatura.

Como mostra da variedade de objetos de nosso dossiê, concluímos este número com “A Audiodescrição Poética como Modalidade de Tradução Literária: Expansões Interpretativas”. No artigo, temos contato com uma forma específica de tradução literária, a audiodescrição poética, a partir de gênero literário infantil, que permite a inclusão de um número expressivo sujeitos, normalmente marginalizados, e o seu acesso, por meio da noção de “expansão interpretativa”, ao texto literário. O trabalho, atendendo ao chamado desta publicação, contribui com nossa discussão a partir da concepção de que a tradução é fruto da leitura, e que há distintas e múltiplas formas de ler e de produzir sentidos.

Desejamos a todas/os uma excelente leitura!

Bruna Macedo de Oliveira (Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA)

Maricélia Nunes dos Santos (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE)
Organizadoras do dossiê

